

MEDIAÇÃO DE LEITURA E A RECEPÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE

Valéria Rocha Aveiro do Carmo¹

Resumo: Estudos literários associados a inquietações pedagógicas são o motor deste estudo ao discutir as relações entre o fazer interpretativo de estudantes da educação básica e o uso de estratégias metodológicas intermediárias. Explorar sinestésias pode aproximar leitores pós-modernos da linguagem dos poetas, dos eruditos. O improvável se traveste em possibilidade de um novo ser, mais humanizado.

Estudos literários associados a inquietações pedagógicas são o motor desta pesquisa, em que se propõe discutir as relações entre o fazer interpretativo dos atuais estudantes da educação básica e o uso de estratégias metodológicas intermediárias. Se ler é constituir diálogo entre o texto e o universo cultural do leitor, como desvincular tal prática da ampliação de repertório? O uso das mídias e das diversas linguagens pode ser favorável a aproximar o adolescente da literatura? Fruto de primeira fase de um projeto de pesquisa, neste estudo elegeu-se como percurso teórico-metodológico a organização das reflexões em três abordagens, descritas a seguir.

A primeira trata o fenômeno da mediação de leitura, a partir da análise sobre os preceitos que determinam o perfil do ser na era da modernidade líquida, segundo Zygmunt Bauman, ao explorar as categorias de emancipação, individualidade, tempo/espço, trabalho e comunidade.

Posteriormente, discutem-se os princípios que fundamentam a estética da recepção. Proposta por Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser. Tal teoria, visitada por Luiz Costa Lima e Regina Zilberman, concebeu um novo paradigma para o ato de leitura. Por considerar as dimensões sócio-históricas do universo interpretativo, a estética da recepção deslocou a significação do fenômeno da produção para o universo de entendimento do leitor.

Por fim, são debatidas, à luz de Lucia Santaella, as operações cognitivas e perceptivas utilizadas por um leitor dito imersivo. O fato de esse leitor ter diversas formas de apropriação dos signos, que são estocados e difundidos por meios digitais, faz com que surja uma recém-constituída situação de ubiquidade, que tem levado o ser humano a sofrer mudanças cruciais em suas formas de viver socialmente e em seu desenvolvimento psíquico.

Isto significa que o aluno-leitor de hoje possui capacidades de articular diferentes tempos e espaços simultaneamente, com rapidez, mobilizando uma atenção parcial, mas com alta conexão entre as pessoas em um espaço de hipermobilidade e informatividade ímpar. Essa agilidade nos processos de navegação no ciberespaço, criando links sempre inéditos e pessoais, a prontidão cognitiva enorme para com as linguagens multimídia e os nexos inúmeros da internet, geram novas formas de aprender, totalmente relacionadas às maneiras de ser na contemporaneidade, porém tais modos parecem não ser compatíveis com o sistema de ensino formal.

Não obstante, a escola em suas possibilidades concretas, necessita se adaptar aos desafios do presente século, visto que o explorar de linhas e cores, sons e cheiros, em busca de construir pontes entre jovens e os textos literários, pode servir ao rito de aproximação de leitores pós-modernos à linguagem dos poetas, dos eruditos.

¹ Doutoranda na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. *E-mail:* valaveiro@uol.com.br.

A liquidez e suas categorias

Ao refletir sobre a principal metáfora para o presente estágio da era moderna, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman trata da fluidez, a propriedade dos líquidos de se adaptar a qualquer forma, representando o desfazer das tradições, inviabilizando as certezas, as quais, como corpos sólidos, não fazem mais parte do espírito moderno. A dinamicidade da vida no contexto da atualidade, não manifestando retenção no espaço, cria paralelos e reforça o escoar galopante do tempo.

Os efeitos da globalização, da velocidade com que as pessoas se comunicam através dos meios digitais, o fato de não haver mais distâncias, das relações serem pautadas no capitalismo, o perecível ser, o diverso e simultâneo estar, criaram uma dinâmica tão diferenciada para a vida em sociedade que não pode ser suplantada em nenhuma circunstância.

Seria imprudente negar, ou mesmo subestimar, a profunda mudança que o advento da “modernidade fluida” produziu na condição humana. O fato de que a estrutura sistêmica seja remota e inalcançável, aliado ao estado fluido e não estruturado do cenário imediato da política-vida, muda aquela condição de um modo radical e requer que repensemos velhos conceitos que costumavam cercar suas narrativas. Como zumbis, esses conceitos são hoje mortos-vivos. A questão prática consiste em saber se sua ressurreição, ainda que em nova forma ou encarnação, é possível; ou – se não for – como fazer com que eles tenham um enterro decente e eficaz. (BAUMAN, 2001, p. 16).

Bauman analisa a estrutura pós-moderna das relações humanas a partir dessas cinco categorias: emancipação, indivíduo, tempo/ espaço, trabalho e comunidade. A emancipação do homem é contraditória, uma vez ele deseja ser liberto sem que reconheça, de fato, quais grilhões a sociedade lhe impõe, sem se distinguir em suas reais vontades e necessidades, nem entender quais forças a sociedade estabelece como resistência a elas. Isto dado por um contexto em que se deixa o vigor da esfera pública para evidenciar iniciativas privatizantes. Desloca-se o conceito de cidadão para o de indivíduo e, como tal, diante de sua cidadania perdida segue inconsciente de que só é possível ser livre dentro das condições adequadas à coletividade. Acontece que o conceito de comunidade, diante da liquidez dos tempos e espaços, constitui uma noção utópica. Diante da urgência e da constituição dos espaços de consumo, pessoas circulam autômatas, em busca de um mesmo e único objetivo. Nesses lugares de comprar e não de existir, são anuladas as alteridades. Em corredores dos shoppings, nossos verdadeiros templos de consumo, falsas realidades são simuladas, encorajando a ação (do gasto desmedido) e nunca a interação. Quando tudo é perecível, no trabalho, preocupar-se com o futuro não faz sentido, nem o ideal de produzir para prosperar, uma vez que a busca por eficácia esgota as forças, criando um infundável ambiente competitivo. Assim como os aparelhos eletrônicos e demais produtos as pessoas se tornam rapidamente obsoletas e continuamente descartáveis.

Recepção de leitura na atualidade

Imersos neste tempo, afogado na liquidez pós-moderna, o aluno das escolas de nosso país engendra novas formas de recepção dos textos ou os deixa escoar juntamente com qualquer possibilidade de constituição fecunda do ser?

Não caberia aos profissionais da educação mediar adaptativamente os processos de ensino, flexibilizando a instituição escola, revendo sua estrutura para que seja eficaz aos modos de recepção de leitura do adolescente do século XXI?

Para pensar a questão de recepção dos textos literários, importa visitar a tese de Jauss, o escritor alemão que, em 1967, angariou adeptos ao posicionar-se contra as opções intelectuais reconhecidas, como o marxismo reflexológico e as críticas imanentistas. Ao propor a Estética da Recepção, instaura uma nova ordem para a crítica literária, através da qual se revela a presença de um leitor ativo desde o horizonte da estrutura da obra.

A experiência estética não se inicia pela compreensão e interpretação do significado de uma obra; menos ainda, pela reconstrução da intenção de seu autor. A experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com seu efeito estético (JAUSS, in LIMA 2011, p. 69).

Jauss e seu grupo da Escola de Constança deslocam o foco do sujeito-autor para o sujeito-leitor, discutindo a experiência estética como possibilidade do ser se experimentar na alteridade da obra, ultrapassando as lacunas entre o eu e o objeto.

Outro grande expoente da estética da recepção, o escritor Wolfgang Iser, revela, enfaticamente: “O jogo do texto é uma *performance* para um suposto auditório e, como tal, não é idêntico a um jogo cumprido na vida comum, mas, na verdade, um jogo que se encena para o leitor, a quem é dado um papel que o habilita a realizar o cenário apresentado.” (ISER apud LIMA, 2011, p. 116).

O jovem da modernidade líquida, sob o efeito estético, para concretizar o significado do texto literário, uma vez que somente é engendrado no momento da leitura, possui ferramentas que são fruto de seu tempo.

O grau interno de indeterminação dos textos se acentua na linguagem literária, dada a maior presença de “lugares vazios”. O nível metafórico exige atividade intensa do leitor. Ele busca suplantar os brancos para que os enredos possam fluir e, assim, cumprir sua parte no jogo que participou sob o efeito da obra literária. Estimulados por uma mediação eficaz, que dialogue com as possibilidades de agir atuais e viabilize suportes condizentes com seus fazeres cotidianos, esses alunos poderiam acessar mais facilmente as camadas subjacentes dos textos no ato da leitura?

O leitor imersivo

Finaliza-se esta reflexão com a noção de leitor imersivo proposta por Lúcia Santaella. Tal leitor apresenta novas formas de inferir, adaptar-se e possui outras estruturas mentais. Esse leitor internauta, acostumado à desordem, com tendências à superficialidade, mas também a farejar indícios e realizar buscas precisa de um professor que o reconheça para que possa mediar eficazmente seus movimentos de recepção de leitura: “O funcionamento da máquina hipertextual coloca em ação, por meio das conexões, um texto dinâmico de leitura comutável entre vários níveis midiáticos. Cria-se um novo modo de ler.” (SANTAELLA, 2013, p. 175).

É preciso que o professor, muitas vezes ainda pertencente a era do sólido, invista em novas práticas de mediação da leitura do texto literário para que a aprendizagem ocorra. Portanto, este estudo não se trata de uma tentativa nostálgica que navega em direção ao resgate de um passado idealizado, no qual os alunos sucumbiam aos clássicos, mas sim de uma busca da perenidade da literatura, através de múltiplos meios, suportes e estratégias didáticas, lobrigado que o improvável se traveste em possibilidade de um novo ser, mais humanizado.

Considerações possíveis

Na atual situação da educação no país, com resultados tão marcadamente fracassados, pensar o perfil do aluno e a conjuntura social, para rever práticas e trabalhar pela construção de

formas mais eficazes de mediar os processos de leitura, parece ser caminho certo para qualquer educador consciente.

Em particular, deve-se pensar nesse leitor internauta, leitor-menino... Menina, que se constrói na sociedade pós-moderna a partir de multifacetados paradigmas culturais e de identidade, em um mundo que, apesar de globalizado, alimenta diferenças de acesso ao capital simbólico. Diversificar as linguagens e os suportes em sala de aula, promovendo leituras literárias em ambientes digitais e explorando possibilidades intersemióticas pode favorecer o acesso aos textos e dinamizar as conexões cerebrais em busca da compreensão? Afinal, o efeito de sentido está plantado em cada obra e será atualizado de acordo com as condições de recepção e horizonte de expectativas de cada leitor.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos da estética da recepção*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

SANTAELLA, Lucia. *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.